

↓ Cartas

Secretário(a) executivo(a)

Atualmente as organizações vêm buscando, cada vez mais, pessoas com conhecimentos variados, ou seja, que não tenham apenas conhecimento específico em uma determinada área, mas que sejam multifuncionais. É nesse perfil que se enquadram as(os) secretárias(os) executivas(os), pois sua formação é agregada a várias áreas.

O papel do secretário(a) executivo(a), hoje, não é mais o de ficar esperando que o superior dê instruções do que necessita ser feito, mas participar ativamente das decisões da organização, trazendo sugestões e opiniões com muita criatividade e eficiência, tendo em vista a grande habilidade nas relações interpessoais, o domínio de idiomas, informática, técnicas secretarias e gestão, capacitados pela formação em Secretariado Executivo.

Estes profissionais estão sempre dispostos às mudanças, agregando suporte técnico, pois têm iniciativa para resolver os problemas da organização e estão preparados para lidar com situações inusitadas. Acima de tudo, para ser um excelente profissional não somente na área de secretariado, como também em qualquer outra, devemos gostar do que estamos fazendo e ter senso de humor para lidar com as diversas situações do cotidiano. Parabéns a todas as secretárias e secretários nesta data.

Luana Reis/Acadêmica do Curso de Automação de Escritórios e Secretariado - Unisc

Mudança da 2ª Cia. da BM

Li e reli, pois não podia acreditar que aquilo fosse verdade: nossa gloriosa 2ª Cia. do 23º Batalhão da Brigada Militar de mudança do Bairro Ana Nery, que tão bem o acolhe, para o trevo do Bom Jesus? Não, prefiro acreditar que isto seja uma brincadeira. Quando se pensa que criarão, não um batalhão a mais na cidade, mas vários, eis que, para surpresa nossa, é necessário eliminar um para abrir outro? Desvestir um santo para vestir outro? Seria por acaso um batalhão móvel? Hoje aqui, amanhã acolá, na medida em que a violência for se gerando deste ou do outro lado?

A 2ª Cia. do 23º Batalhão não sairá do Ana Nery. Ele já é parte integrante do nosso bairro e arredores. É nosso patrimônio. Se isto for confirmado, prefiro achar que foi um mal-entendido e imediatamente faremos circular uma lista de abaixo-assinados para que o mesmo não saia do lugar onde está. Penso que é hora de as autoridades criarem novos postos de segurança e não fazerem mudanças ridículas.

Locyval Pereira/morador do Bairro Ana Nery

Caminho aberto para a corrupção

“Legisladores do vasto Império do Brasil, basta de dormir: é tempo de acordar do sono amortecido em que há séculos jazemos. (...) Mostram a experiência e a razão que a riqueza só reina onde impera a liberdade e a justiça e não onde mora o cativo e a corrupção.” O texto escrito em 1825 por José Bonifácio, o Patriarca da Independência brasileira, parece ainda hoje servir de alerta.

Considerado uma das prioridades da campanha eleitoral do presidente Lula, o combate à corrupção parece ter sido esquecido. No ano de 2006, o Brasil recebeu a nota 3,3 no Índice de Percepção de Corrupção (sendo 10 a ausência de corrupção), ficando na 70ª posição entre os 163 países analisados. Uma queda de 5 posições em relação ao ano anterior.

A cultura da corrupção de-



senvolve-se, em grande parte, devido ao elevado controle exercido pelo governo sobre a economia e a sua exagerada área de intervenção, pois cria uma enorme burocracia estatal que abre muitos caminhos para o desvio do dinheiro público.

O poder exercido pelo governo sobre as diversas áreas da vida do cidadão, em nome da promoção do bem-estar social, além de arrancar-lhe a

liberdade, acaba custando-lhe caro. O Estado demasiadamente inflado demanda recursos cada vez maiores para sustentar-se. Só o Congresso Nacional custa R\$ 32,49 por habitante, o equivalente a 0,66% da renda anual de um trabalhador que ganha salário mínimo. Gasta-se nesse sentido dez vezes mais que em países como Alemanha e Reino Unido.

Além disso, governos são

compostos por homens falhos, assim como todos os demais indivíduos. Prova disso é que, no Senado, 37% dos parlamentares têm problemas na Justiça e no Tribunal de Contas, enquanto na Câmara dos deputados essa proporção é de 32%.

A corrupção poderia ser diminuída se fossem desenvolvidos mecanismos que desencorajassem o crime. Mas lucrar de maneira ilegal parece ser muito menos penoso do que lucrar trabalhando conforme os padrões legais. Como a impunidade é quase garantida, também é menos perigoso. Enquanto não houver a garantia da punição, a corrupção continuará sendo mais atraente em uma sociedade onde valores morais não são levados a sério.

Elisa Lucena Martins/Estudante de Ciências Econômicas - UFSM

Os dois Brasis

Corro o risco de ser chamado de alucinado, mas não devo ser a única pessoa que tem a impressão – a certeza, até – de viver em dois países ao mesmo tempo. Pois bem, eu vivo em dois Brasis, ponto final.

Como escapar da esquizofrênica certeza de que não há um Brasil, mas dois, se leio numa página de jornal que um ascensorista de ministérios ganha, em Brasília, mais de cinco mil reais por mês, e leio no mesmo jornal que uma professora de Alagoas tentou vender um rim para poder pagar pela casa onde vive com seu filho? O Brasil de Brasília não deve, não pode, ser o mesmo de Alagoas.

Cada vez com maior frequência me vem à mente a arguta e contundente descrição do escritor Paulo Mendes Campos: “Imaginem um ser humano monstruoso que tivesse a metade da cabeça tomada por um tumor, mas o cérebro funcionando bem; um pulmão sadio, o outro tomado pela tísica; um braço ressequido, o outro vigoroso; uma orelha lesada, a outra perfeita; o estômago em ótimas condições, o intestino



Enquanto aviões caem e explodem, indústrias poluem sem travas, senadores debocham da nação e bilionários sonégam, o Brasil podre se distancia ainda mais do Brasil saudável

carcomido de vermes. Esse monstro é o Brasil: falta-lhe alarmantemente o mínimo de uniformidade social”. Aí está, não é alucinação minha: são dois Brasis!

O País à nossa volta está aí para quem quiser ver: uma terra partida em duas bandas que se desconhecem, em duas nações que se estranham, em dois mundos que se rejeitam. Há o Brasil dos milhões transportados sorratamente de lá para cá em malas de viagem e o Brasil dos meninos de rua que nos estendem a mão esquálida e imploram por um dinheirinho para comprar cola. Há o Brasil das mansões do Lago Sul, das casas holywoodianas dos Jardins de São Paulo, e o Brasil das palafitas, dos barracos imundos

e desenganados das encostas dos morros. O Brasil campeão de cirurgias plásticas e o Brasil das filas do SUS, dos corredores de hospitais apinhados de miseráveis que rezam para não morrer enquanto esperam.

Vivo no Brasil das praias paradisíacas e das amplas avenidas, mas também respiro o ar do Brasil das vielas de esgoto a céu aberto, do chão calcinado pelo sol inclemente da caatinga. Nas páginas de um Brasil, leio sobre as negociatas milionárias que nunca são punidas, e nas páginas do outro Brasil leio que 20% de nossas crianças não vão à escola porque têm de trabalhar para ter o que comer. O país cuja música é o maior exemplo da genial capacidade criativa de uma nação é o Brasil

dos meus sonhos; o país cuja polícia ainda tortura, os professores ainda passam necessidade e os senadores acobertam crimes em troca de favores, é o Brasil dos meus pesadelos.

Será que alguém ainda sai às ruas de um desses Brasis sem ver o outro? Será que é possível gozar de um sem padecer do outro? Como é que se pode viver num país xifópago sem sofrer, e sofrer muito?

Enquanto aviões caem e explodem, indústrias poluem sem travas, senadores debocham da nação e bilionários sonégam, o Brasil podre se distancia ainda mais do Brasil saudável. Enquanto mães enviam seus filhos para as esquinas, policiais podres grampeiam ministros do Supremo, presidentes não sabem de nada e lobistas pagam pensões em troca de contratos milionários, o Brasil que eu amo se afasta ainda mais do Brasil que eu deploro.

Mas eu vivo nos dois Brasis – o dos bons sonhos e o dos pesadelos. E ultimamente tenho tido sonhos pavorosos. . .

Tony Saad/Linguísta e professor



Gazeta do Sul

Propriedade da
GAZETA DO SUL S.A.
Fundada em 26/01/1945
CNPJ 95.424.834/0001-30

Rua Ramiro Barcelos, 1.206
Caixa Postal 118 | CEP 96.810-900
Fone: 3715-7800 | Fax: 3715-7863
Fax/Redação: 3715 7944
www.gazetadosul.com.br

direcao@gazetadosul.com.br
redacao@gazetadosul.com.br
publicidade@gazetadosul.com.br
assinaturas@gazetadosul.com.br

ANDRÉ LUÍS JUNGBLUT
DIRETOR PRESIDENTE

ROMEU INACIO NEUMANN
DIRETOR SECRETÁRIO

PAULO ROBERTO TREIB
DIRETOR INDUSTRIAL

RAUL JOSÉ DREYER
DIRETOR COMERCIAL

JONES ALEI DA SILVA
DIRETOR ADMINISTRATIVO

MARIA ROSILANE ZOCH ROMERO
CHEFE DE REDAÇÃO

Porto Alegre: Grupo de Diários, Rua Garibaldi 659, sala 102, Bairro Floresta CEP 90035050 - Fone/Fax: 3221 3290-e-mail: diarios@grupodediarios.com.br Site: www.grupodediarios.com.br

Vera Cruz: Rua Martim Francisco, 72 - Fone 3718-1312
Candelária: Rua Botucaraí, 509 - Fone 3743-3662
Venâncio Aires: Júlio de Castilhos, 785 - Fone 3741-2263
Rio Pardo: Rua Andrade Neves, 918 - Fone 3731-1518

Gazeta do Sul não se responsabiliza por conceitos emitidos em artigos assinados e não devolve originais, publicados ou não.

Artigos e cartas para este espaço devem conter nome completo, profissão e endereço do autor, além de telefone para contato (se possível). O envio pode ser feito por fax (3715 7944) ou pela internet (angela@gazetadosul.com.br). O simples envio não garante a publicação.